

RELAÇÃO ENTRE CAPACIDADES LINGUÍSTICAS, ESCOLARIDADE, TEMPO DE FREQUÊNCIA, NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

RELATIONSHIP BETWEEN LINGUISTIC CAPACITIES, SCHOOLING AND FREQUENCY TIME IN STUDENTS AT THE UNIVERSITY OF MATURITY

Domingas Monteiro de Sousa ¹

Ana Rodrigues da Costa ²

RESUMO

A linguagem do idoso, tem sido o foco de pesquisas que buscam identificar possíveis mudanças que ocorrem no processo de envelhecimento. Este artigo, portanto, objetiva verificar se existe relação entre as variáveis frequência, escolaridade e as capacidades linguísticas dos acadêmicos da Universidade da Maturidade-UMA - curso de extensão da Universidade Federal do Tocantins-UFT. Participaram do estudo 35 alunos, na sua maioria do sexo feminino com idades variando entre 48 e 80 anos, com grau de escolaridade na sua maioria o ensino médio (42,9%) e o ensino fundamental (40%). O tempo de frequência, situa-se entre alguns meses e 8 anos. Aplicou-se um questionário, “Eu e a UMA”. Verifica-se que a melhoria nas capacidades linguísticas está positivamente correlacionada com o tempo de frequência dos acadêmicos da UMA. Sugere-se realizar estudos com amostras populacionais maiores, a fim de encontrar relevante estatística dos dados junto às necessidades provenientes do envelhecimento.

Palavras-chave: Idoso; capacidades linguísticas; Universidade da maturidade

ABSTRACT

The language of the elderly has been the focus of research that seeks to identify possible changes that occur in the aging process. This article, therefore, aims to verify whether there is a relationship between the variables frequency, education and language skills of students at the University of Maturity-UMA - extension course at the Federal University of Tocantins-UFT. Thirty-five students participated in the study, mostly female, aged between 48 and 80 years, with a level of education mostly from high school (42.9%) and elementary school (40%). Attendance time is between a few months and 8 years. A questionnaire was applied, “Me and UMA”. It appears that the improvement in language skills is positively correlated with the time of attendance of students at UMA. It is suggested to carry out studies with larger population samples, in order to find relevant data statistics with the needs arising from aging.

Keywords: Elderly; language skills; university of maturity.

¹ Doutoranda do Curso de Desenvolvimento em Perturbações da Linguagem da Universidade Fernando Pessoa-UFP, 39374@ufp.edu.pt.

² Professor orientador: PhD em Ciências Humanas e Sociais. PGDDPL –Universidade Fernando Pessoa- UFP. Professora do Programa de Doutoramento em Desenvolvimento e Perturbações da linguagem, acosta@ufp.edu.pt.

INTRODUÇÃO

Ante a realidade das mudanças demográficas observadas atualmente, vê-se uma população cada vez mais envelhecida, e chama a atenção para a seriedade à garantia dos direitos e uma boa qualidade de vida aos idosos. No entanto, em vista do crescente aumento de expectativa de vida, os estudos sobre linguagem na velhice, apontam-se, ainda, à promoção de uma melhor qualidade de vida nessa fase.

Este artigo é parte de uma pesquisa realizada com os acadêmicos da Universidade da Maturidade, cujo objetivo é verificar se existe relação entre as variáveis como sexo, idade e escolaridade e as capacidades linguísticas dos acadêmicos da Universidade da Maturidade-UMA - curso de extensão da Universidade Federal do Tocantins- UFT.

Assim, diante do crescimento da população idosa no Brasil, considera-se necessária uma preocupação mais efetiva por parte dos pesquisadores com vistas à avaliações periódicas das funções cognitivas desse segmento, com o intuito de prevenir possíveis alterações nas capacidades de memória e linguísticas.

Dessa forma, este estudo objetiva verificar se existe relação entre as variáveis frequência da UMA, escolaridade e as capacidades linguísticas dos acadêmicos da Universidade da Maturidade-UMA - curso de extensão da Universidade Federal do Tocantins- UFT.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, observacional, realizado na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Amostra (por conveniência): é constituída por 35 acadêmicos, de ambos os sexos, com 45 anos ou mais anos. A caracterização da amostra encontra-se no ponto Resultados.

Instrumento: para a recolha de dados usou-se o questionário “Eu e a UMA”, cujo objetivo é obter informações sobre a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida dos alunos que frequentam a Universidade da Maturidade, da autoria de Domingas Monteiro e Ana Costa. O questionário é constituído por 16 questões, sendo as perguntas de caráter sociodemográfico sobre a idade, o sexo, e as habilitações académicas foram obtidas por meio das cartas de intenções (considerada uma ferramenta útil para diversos contextos como, candidaturas a vaga de emprego ou estágio, pleitear uma bolsa de estudos, dentre outras situações como a referida nessa pesquisa) que para este estudo intitulou-se “Meu Passaporte”.

As perguntas são de resposta fechada (7 perguntas) e de resposta aberta (9 questões). Não foi contabilizado o tempo.

Procedimento: Após exaustiva pesquisa bibliográfica foi construído o inquérito por questionário seguindo todos os protocolos para tal (Hill & Hill, 2005). Foi solicitado o parecer da Plataforma Brasil e este estudo foi aprovado de acordo com a resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Federal do Tocantins (CEP/UFT) sob o número CAAE: 28928819.4.0000.5519.



Destaca-se que os sujeitos da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, em que se explicavam os objetivos, benefícios e riscos, além da garantia de sigilo de identidade e autonomia para participação. Por solicitação dos alunos, todos tiveram o seu termo lido pelo pesquisador.

Dessa forma, foi aplicado o inquérito por questionário aos alunos, a fim de recolha de dados e com a pretensão de recolher informações a respeito das variáveis sexo, idade e escolaridade e suas relações com as capacidades linguísticas dos acadêmicos do curso de extensão da Universidade da Maturidade-UMA da Universidade Federal do Tocantins. Esta recolha dos dados realizou-se em encontros com grupos reduzidos conforme a disponibilidade de cada participante e seguindo todos os cuidados e regras emanadas do Ministério da Saúde, considerando as implicações permeadas a partir da suspensão das atividades presenciais e coletivas, principalmente no âmbito da educação, por motivo da Covid-19 e, ainda, por ser o idoso considerado do grupo de maior risco nesse contexto pandêmico, decorrente do novo agente do coronavírus.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos últimos anos, muitos pesquisadores têm despertado o interesse pela capacidade de percepção e compreensão dos idosos na produção de linguagem e, têm como uma das principais abordagens se o envelhecimento afeta o processamento da linguagem universalmente ou de maneiras específicas, remete à emergência de um padrão assimétrico, em que os idosos experimentam maiores dificuldades ao produzir a linguagem em comparação com a sua compreensão. Nesse aspecto, aponta os problemas de recuperação de palavras como algumas das dificuldades linguísticas mais visíveis e frustrantes relatadas por adultos mais velhos (Abrams et al., 2010).

No estudo de Bento-Torres et al. (2017), a influência dos baixos níveis de escolaridade no declínio cognitivo, relacionado à idade em países com intensas desigualdades sociais e econômicas, como no Brasil, os autores averiguaram até que ponto a idade e a educação influenciam a velocidade de processamento, a memória episódica visual e a memória de trabalho em uma população idosa brasileira, utilizando testes cognitivos imparciais do CANTAB com testes a hipótese de que os efeitos da idade e da escolaridade interagem e agravam a linguagem.

No mesmo estudo foi aplicada uma avaliação neuropsicológica automatizada e imparcial para minimizar a possível influência do pesquisador, associada aos testes tradicionais de lápis e papel, a bateria de testes neuropsicológicos automatizados de Cambridge (CANTAB) – que é uma bateria de estímulo visuoespacial que emprega tecnologia touchscreen para obter respostas não verbais dos participantes (utilizando estímulos visualmente atraentes, o CANTAB permite aumentar e diminuir a dificuldade de uma determinada tarefa, adaptando o teste a uma ampla variedade de desempenhos cognitivos e mantendo o interesse do usuário durante os testes (Bento-Torres et al., 2017).

O estudo de Grivol et al. (2011) confirmou a hipótese de que a memória fonológica se estende com a idade, mas tem declínio na terceira idade, e mostrou que os adultos jovens tiveram melhor desempenho em relação às crianças e aos idosos, enquanto os idosos tiveram desempenho pior na repetição de não-palavras, tanto em relação aos adultos quanto às crianças.

Por outro lado, o estudo de Grivol et al. (2011) confirma a hipótese de que habilidades de memória de trabalho fonológica sofrem influência da idade, de forma que quanto maior a idade, melhor o desempenho, mas que na terceira idade a memória apresenta declínio e revela-se superior à



de crianças, apenas na prova de repetição de dígitos. Afere-se, portanto, que tanto a memória, como outras habilidades cognitivas, evolui no decorrer dos anos e declina na terceira idade e, mostra ainda, que quanto maior a quantidade de sílabas, maior a dificuldade em armazenar o material verbal na memória, sem definição da faixa etária.

Segundo Rodrigues et al. (2008) a prova de fluência verbal fornece informações acerca da capacidade de armazenamento do sistema de memória semântica, da habilidade de recuperar a informação arquivada na memória e do processamento das funções executivas, especialmente, as da capacidade de organizar o pensamento e as estratégias utilizadas para a busca de palavras. Para os autores, a aprendizagem verbal ocorreu com maior frequência nos adultos do que nos idosos em ambas as provas semântica e fonológica, mas observou-se decréscimo na produção de palavras com o aumento da idade e com a diminuição do nível de escolaridade. Na comparação entre os sexos conferiu melhor desempenho dos homens na prova semântica, mas não foram achadas diferenças na prova fonológica.

Na concepção de Cecatto et al. (2006) a linguagem se apresenta como um sistema dinâmico e complexo de símbolos convencionais utilizado de formas diferentes tanto para a comunicação como para o pensamento. Para o autor, a linguagem é uma função cerebral complexa que compreende diversos processos linguísticos, de maneira que os vários componentes funcionais da linguagem interagem para constituir a função final da comunicação verbal.

Apontada como uma variável sociodemográfica, a escolaridade, segundo Parente et al. (2009) tem grande relevância no processamento neuropsicológico. As autoras também acreditam que o aumento da escolaridade pode aumentar o número de sinapses ou a vascularização cerebral, ter influência na estrutura cerebral, e até mesmo influenciar de maneira significativa na evolução do quadro demencial do paciente após aquisição de lesão cerebral. E, ainda que o nível de escolaridade seja resultante da totalidade de anos estudados, sem considerar os anos de repetência escolar, pois é notório que a variável escolaridade, vai muito além da quantificação de anos de exposição à aprendizagem escolar formal (Parente et al., 2009).

Segundo Parente et al. (2008), o nível de escolaridade é o fator mais investigado em pesquisas que visam normatizar, analisar e comparar grupos de populações neurologicamente saudáveis. Para as autoras, um alto nível de escolaridade pode, inclusive, ser associado a uma maior qualidade cognitiva no envelhecimento.

De acordo Parente et al. (2012) variações nos resultados observados em testes que avaliam o desempenho dos indivíduos, principalmente de baixa escolaridade, em tarefas linguísticas podem estar relacionadas aos hábitos de leitura e escrita adquiridos na vida adulta. No estudo de Parente et al. (2009) os testes que avaliam os processos linguísticos são compostos por estímulos que podem ser processados com dificuldade pela população de baixo letramento.

Já as pesquisas de Mansur et al. (2006) & Miotto et al. (2010), avaliaram o desempenho de indivíduos da população brasileira em um teste específico de linguagem, em que descrevem que a idade e a escolaridade têm influência no desempenho dos sujeitos.

Parente et al. (2012) & Moraes et al. (2013) pontuam que além da idade e da escolaridade, o desenvolvimento de hábitos de leitura e escrita na vida adulta, pode influenciar positivamente o desempenho dos indivíduos em tarefas cognitivas, e descrevem que estes fatores podem interferir principalmente na performance dos sujeitos com baixo nível educacional.

No entendimento de Cagliari (2007, p. 155) leitura é “toda manifestação linguística que uma pessoa executa para recuperar um pensamento formulado por outra e colocado em forma de escrita”.



Scherer et al. (2008, p. 1) diz que “a leitura, além de permitir a fruição de ideias e sentimentos, é um dos principais meios de que o indivíduo dispõe para se apropriar de conhecimentos, crenças, enfim, da cultura de seu povo e de seus antepassados, representando um modo de crescimento como ser individual e coletivo.

Stuart-Hamilton (2002) diz que embora a leitura se mostra automática e instantânea, estabelece a coordenação de habilidades perceptuais, cognitivas, linguísticas e de memória. Para o autor, o leitor deve “ser capaz de reconhecer as letras ou palavras, identificar o significado das palavras, examinar a aceitabilidade sintática das frases e, ainda, extrair a essência da mensagem” (Stuart-Hamilton, 2002, p. 107).

Várias situações cotidianas demandam o uso da habilidade de leitura, já que, “lê-se para tudo ou quase tudo”. Lê-se, por exemplo, a posologia de uma bula de remédio, o modo de fazer de uma receita e até mesmo o nome do ônibus para voltar para casa. (Flôres, 2008, p. 18). Nesse sentido, no que concerne à função da leitura no estilo de vida das pessoas mais velhas, Stuart-Hamilton (2002), aponta que não é correto pensar que os idosos dedicam mais tempo à atividade leitora quando comparados a adultos jovens, e explica que adultos idosos podem até passar mais tempo lendo, mas leem jornais e revistas, leituras avaliadas “fáceis, capazes de provocar um declínio nas habilidades leitoras” (Stuart-Hamilton, 2002, p. 108).

Já em relação às capacidades linguísticas mais específicas, Stuart-Hamilton (2002) refere piora no reconhecimento das palavras, no processamento sintático e dificuldade em recordar as histórias.

Os autores Moraes et al. (2010) atribuem uma velhice bem-sucedida a uma vida bem-sucedida, e asseguram que o processo de envelhecimento é categoricamente individual, variável, construído, desde a infância. Para Argimon (2006), o organismo humano passa ao longo da vida, de modo natural, por modificações nas formas e funções, além de alterações bioquímicas e psicológicas que caracterizam, assim, o envelhecimento.

Para Stuart-Hamilton (2002), a habilidade intelectual depende de fatores como o estado emocional, o nível socioeconômico e o nível de instrução. Moraes et al. (2010) postulam que o idoso não é limitado cognitivamente, embora possa, eventualmente, requerer adaptação de estímulos ambientais para possuir funcionalidade comparável à de adultos jovens. Argimon (2006) entende como esperada, a ocorrência de alterações nas capacidades cognitivas do indivíduo em decorrência do envelhecimento normal.

Conforme Stuart-Hamilton (2002, p. 102) “a memória diminui na velhice, e, embora algumas áreas continuem relativamente preservadas, a perspectiva é de declínio”, e aponta para o fato de alguns fatores serem mais relevantes que outros na predição das alterações de memória decorrentes da idade, entre eles, o nível educacional, o nível socioeconômico e o estado emocional (Stuart-Hamilton, 2002).

Yassuda (2006) refere que o declínio da memória como parte do envelhecimento saudável é representado, comumente, por dificuldades de memorização e lembrança de determinadas informações, afetando a capacidade de evocar nomes ou de produzir palavras. Argimon (2006), destaca a necessidade de serem realizados estudos com idosos que estejam bem do ponto de vista biopsicossocial, a fim de estabelecer limite entre o patológico e o normal, esperado na velhice.

Por outro lado, Smith (2003, p. 112), aponta um interessante paradoxo sobre o papel da memória na leitura. Segundo ele “quanto mais tentamos memorizar, menos tendemos a recordar; quanto mais tentamos memorizar, menos ainda podemos compreender e, por fim, quanto mais compreendemos, mais a memória cuidará de si mesma”. Para o autor, quando somos capazes de ler com compreensão, estamos sendo lembrados todo o tempo, e “quando retemos uma sequência significativa de palavras

na memória, tanto de curto como de longo prazo, não estamos primeiramente armazenando as palavras, mas, em vez disso, o significado que lhes atribuímos” (Smith, 2003, p. 121).

Com base nos estudos apresentados, pode-se apreender que o envelhecer causa adulterações na celeridade de processamento dos dados, com uma maior proporção de tempo para conferir informações, enquanto o envelhecimento saudável se relaciona inteiramente a muitos fatores psicossociais, como família, educação, cuidados com a própria saúde, além da motivação e iniciativa da própria pessoa (Argimon et al., 2005).

O fato de o idoso estar inserido em um ambiente onde ele realiza atividades de vida diária, como exercícios físicos, atividades culturais e religiosas, manter contato com familiares e amigos parece estar contribuindo como um fator de proteção de suas condições cognitivas. Então, o processo de envelhecimento se dá de forma diferenciada para cada indivíduo, e a idade cronológica é somente mais um dos fatores que pode interferir ou não no bem-estar do paciente (Argimon et al, 2005; Ramos, 2003).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 35 indivíduos, na sua maioria do sexo feminino (N=29 o que corresponde a 82,9%) e 6 do sexo masculino, 17,1%) com idades variando entre 48 e 80 anos (M= 65,51; Dp= 8,265), e que possuíam grau de escolaridade variando entre o alfabetizado (2,9 %), o ensino fundamental (40,0%), o ensino médio (42,9%) e o ensino superior (14,3%). Quanto ao tempo de frequência da UMA, este situa-se entre alguns meses e os 8 anos (M= 2,343; Dp= 0,838). Apresentam-se os resultados obtidos na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização da amostra tendo em atenção o sexo, a idade e a escolaridade

	IDADE						Total		
	48-58		59-68		69-80				
Sexo	F	M	F	M	F	M	F	M	
Escolaridade: Alfabetizado	0	0	1	0	0	0	1	0	1
Ensino fundamental	1	0	4	1	5	3	10	4	14
Ensino médio	6	0	6	1	1	1	13	2	15
Ensino superior	0	0	3	0	2	0	5	0	5
Frequência: 0-2 anos	5	0	7	1	5	1	17	2	19
3-8 anos	2	0	7	1	3	3	12	4	16

Nota: autoras/2021

Quanto ao objetivo “verificar se existe relação entre as variáveis escolaridade, anos frequência da UMA e percepção das capacidades linguísticas (percepção de melhoria da oralidade, melhoria na leitura dos textos, compreensão leitora e compreensão do mundo através da oralidade), podemos observar que há uma correlação positiva significativa entre a frequência da UMA e percepção de melhoria das capacidades linguísticas, ou seja, quanto mais tempo frequentam a UMA melhor a oralidade ($r = 0,375$; $p = 0,027$); melhor a leitura de textos ($r = 0,438$; $p = 0,009$) e melhor compreensão do mundo através da oralidade ($r = 0,389$; $p = 0,012$). Não foram encontradas correlações com a compreensão leitora e a frequência da UMA nem com a escolaridade e as capacidades linguísticas.

Os resultados do estudo se assemelham a dados encontrados em pesquisas relacionadas ao envelhecimento, e a idade teve uma representatividade nos aspectos de habilidades cognitivas e reconhecimento de memória nas comparações entre diferentes faixas etárias. Viu-se no estudo de Abrams et al. (2010), um declínio consistente relacionado à idade na detecção de erros ortográficos, em que os adultos de meia-idade e velhos eram menos precisos e mais lentos que os jovens adultos.

Segundo Rodrigues et al. (2008), no seu estudo observacional, prospectivo, longitudinal de 200 sujeitos normais, ambos os sexos, falantes fluentes do português, descreve que com o aumento da idade existe uma redução no número de palavras geradas devido a uma lentidão no processamento da

informação e diminuição da velocidade articulatória. Grivol et al. (2011), também aponta a prevalência dos adultos jovens apresentarem melhor desempenho em relação às crianças e aos idosos.

Os resultados em Bento-Torres, et al. (2017) mostraram um desempenho cognitivo significativamente pior em voluntários com menor escolaridade e propuseram que a educação formal no início da vida seja incluída na agenda preventiva de saúde pública. De forma que a Bateria de Teste Neuropsicológico Automatizado de Cambridge (CANTAB), com os instrumentos de teste neuropsicológico “tradicionais como ANOVA bidirecional no desempenho dos testes cognitivos, para testar a hipótese de que as influências da idade e da escolaridade interagem e agravam o declínio cognitivo relacionado à idade, possam ser úteis para detectar alterações cognitivas sutis no envelhecimento saudável. Reforça ainda, que menos educação no início da vida é um fator de risco para o declínio cognitivo relacionado à idade, com uma influência muito mais forte que a própria idade.

Em congruência com resultados como o de Bento-Torres, et al. (2017), segue a direção às informações obtidas nas respostas dos sujeitos dessa pesquisa, quando descrevem suas dificuldades de compreensão, memorização, hipoteticamente, atribuídos a idade, mas encaram a escolaridade um fator mais preponderante no declínio cognitivo.

Ao considerar o papel da memória na leitura, Stuart-Hamilton (2002, p. 107), afirma que, sem a memória seria impossível ler uma história e compreendê-la, simplesmente porque constantemente esqueceríamos a trama.

Ainda a respeito da escolaridade e aprendizagem verbal, a influência destas ocorreu com maior frequência nos adultos do que nos idosos. Nas avaliações semântica e fonológica, observou-se nos estudos de Bento-Torres et al. (2017) & Rodrigues et al. (2008) um decréscimo na produção de palavras com o aumento da idade e com a diminuição do nível de escolaridade. Na comparação entre os sexos verificou-se melhor desempenho dos homens na semântica, e na prova fonológica não foram encontradas diferenças. A conclusão dos autores é que a aprendizagem verbal ocorreu com maior frequência nos adultos do que nos idosos em ambas as provas, semântica e fonológica.

Já no estudo de Argimon et al. (2005) provas relacionadas à linguagem não apresentaram diferença significativa, confirmando dados de outras pesquisas que revelam que a linguagem se mantém íntegra independentemente da idade.

Em Moraes et al. (2010) os autores referem que a lentidão na velocidade de processamento da informação é a alteração mais evidente nos idosos, e pode inclusive interferir em todas as funções cognitivas. Contudo, sua história reforça o pensamento de que está mais sujeito às possibilidades de convívio social e das oportunidades que o idoso teve no percurso da sua vida, do que de um processo genuinamente biológico de perdas progressivas.

Quanto à idade, Yassuda (2006) refere, por exemplo, que em testes de memória, pessoas mais jovens apresentam melhores resultados quando comparadas com pessoas mais velhas, tendo em vista que o envelhecimento, mesmo na falta de doenças graves, leva gradativamente a um declínio de memória.

Nesta pesquisa, os resultados obtidos permitiram observar que as variáveis sexo, idade e escolaridade pouco interferem no perfil das capacidades linguísticas dos acadêmicos do curso de extensão da Universidade da Maturidade-UMA da Universidade Federal do Tocantins, e é possível que as atuações de outros fatores como as ações voltadas para a interação e reinserção social dos participantes no curso, tem sido capaz de melhorar a linguagem e conseqüentemente, a qualidade de vida dos alunos.

Assim, entende-se que é muito importante a frequência de universidades pelos idosos porque permite a percepção de melhores capacidades linguísticas que envolvem uma melhor compreensão do mundo através da oralidade, uma melhoria na comunicação oral e na leitura de textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise observacional e descritiva da capacidade linguística dos alunos participantes dessa pesquisa, foi possível identificar aspectos relevantes para a qualidade de vida dos respondentes, como o melhoramento do desempenho da memória e da linguagem após a participação no curso de extensão. Isso leva ao entendimento de que a participação coletiva de pessoas com maior idade e ou com baixa escolaridade, pode influenciar no desenvolvimento das habilidades cognitivas dos indivíduos, bem como contribuir para novas estratégias e ações, na tentativa de intervir no atendimento individual e coletivo para a promoção de uma melhor qualidade de vida a todos os alunos.

Nesse sentido, por ser a linguagem, um fator influenciável por possíveis processos cognitivos em declínio na velhice, é um feito que não deve ser irrefletido na interferência cognitiva da pessoa idosa, pois esta e seus familiares devem reconhecer e aprender lidar com as prováveis mudanças que ocorrem no processo de envelhecimento, podendo modificar-se com o avanço da idade.

Importa, porém, que Independente de muitos dos estudos nos seus resultados evidenciarem declínios, habilidades preservadas ou elevadas, as investigações devem mover-se em direção a atitudes produtivas, a respeito da linguagem para a valorização do idoso, desmistificando a simples comprovação de declínios.

Entende-se, pois, a necessária atenção e estimulação às capacidades cognitivas para que os idosos possam manter-se ativos socialmente, busque nos atos conversacionais construções discursivas permissíveis a uma interação verbal com outros falantes, mantendo a sua representação social, já muito afetada pelo processo natural do envelhecimento.

Corroborar-se, portanto, com a inserção das pessoas com idade de 45 anos para mais, aluno da Universidade da Maturidade, na configuração de um adulto/idoso participativo, pela oportunidade de sentir - se de fato funcional dentro de seu ciclo social em que certamente fruirá de melhores condições de saúde física e emocional, e conseqüentemente, da linguagem.

Sugere-se que sejam realizados novos estudos com amostras populacionais mais robustas, na tentativa de evidenciar os efeitos positivos das atividades interacionais e suas influências à linguagem na capacidade funcional dos idosos, a fim de encontrar relevância estatística dos dados e contribuir com o planejamento para melhorias ao atendimento de problemas decorrentes do envelhecimento.

REFERÊNCIAS

Abrams L., Farrell MT., & Margolin SJ. (2010). Older adults' detection of misspellings during reading. *J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci.*; 65(6):680-3. DOI: 10.1093/geronb/gbq050. Epub 8. PubMed PMID: 20616153; PubMed Central PMCID: PMC2954326.

- Argimon, I. I. L., & Stein, L.M. (2005). Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. *Cad Saúde Pública*; 21(1):64-72.
- Argimon, I.I.L. (2006) Aspectos cognitivos em idosos. *Avaliação psicológica*, 5 (2), p. 234-45.
- Bento-Torres, N.V.O., Bento-Torres, J., Tomás, A.M., Costa, V.O., Corrêa, P.G.R., Costa, C.N.M., Jardim, N.Y.V., & Picanço-Diniz, C.W. (2017). Influence of schooling and age on cognitive performance in healthy older adults. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, Volume 50 Nº 4 e location e5892.
- Cagliari, L.C. (2007). *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 190p.
- Cecatto, R.B., Jucá, S.H., Nacarato, M.I., Maeda, F.R.G., & Prieto, F.F. (2006). Communication and language disorders of patients with acquired brain injuries. *A retrospective and descriptive study*. *ACAT FISIATR*, 13(3): 136-146.
- Flôres, O.C. (2008). *Linhas e entrelinhas: leitura na sala de aula*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 216p.
- Grivol, M. A. & Hage, S.R.V. (2011). Memória de trabalho fonológica: estudo comparativo entre diferentes faixas etárias. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, Volume 23 Nº 3 Páginas 245 – 251.
- Hill, M.M., & Hill, A. (2005). *Investigação Questionário Sílabo por* (2ª ed.). Lisboa: Edições.
- Mansur, L.L. Radavovic, M., & Araújo, G.C. (2006). Taquemori LY, Greco LL. Boston naming test: performance of Brazilian population from São Paulo. *Pró-fono Revista de Atualização Científica*; 18 (1): 13-20.
- Miotto, E.C., Sato, J., Lucia, M.C.S., Camargo, C.H.P., & Scaff, M. (2010). Development of an adapted version of the Boston Naming Test for Portuguese speakers. *Rev Bras Psiquiatr.*; 32(3):279-282.
- Moraes, A. L., Guimarães, L.S.P., Joannette, Y., Parente, M.A.M.P., Fonseca, R.P.; & Almeida, R.M.M. (2013). Effect of Aging, Education, Reading and Writing, Semantic Processing and Depression Symptoms on Verbal Fluency. *Psicologia: Reflexão e Crítica*; 26(4): 680-690.
- Moraes, E.N., Moraes, F.L., & Lima, S.P.P. (2010). Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. *Ver Med Minas Gerais*; 20(1): 67-73.
- Parente, M. A. de M. P et al. (2006). *Cognição e envelhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 312p.
- Parente, M.A.M.P., Carthery-Goulart, M.T., Zimmermann, N.; & Fonseca, R.P. (2012). Sociocultural factors in Brazilian neuropsycholinguistic studies. *Psychology & Neuroscience*; 5(2): 125-133.DOI:10.3922.
- Parente, M.A.M.P.; Scherer, L.C.; Zimmermann, N.; & Fonseca, R.P. (2009). Evidências do papel da escolaridade na organização cerebral. *Revista Neuropsicologia Latinoamericana*; 1(1): 72-79. 59.

- Ramos, L.R. (2003). Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. *Cad Saúde Pública*; 19(3):793-7.
- Rodrigues, A. B., Yamashita, É. T.; & Chiappetta, A. L. M. L. (2008). Teste de fluência verbal no adulto e no idoso: verificação da aprendizagem verbal. *Revista CEFAC*, Volume 10 Nº 4 Páginas 443 – 451.
- Scherer, L.C., Gabriel, R., Flôres, O.C.; & Molina, J.A. (2008). A compreensão leitora em diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. *Anais do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL*, Porto Alegre.
- Smith, F. (2003). *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. 4ed. Porto Alegre: Artmed, 423p.
- Stuart-Hamilton, I. (2002). *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 280p.
- Yassuda, M.S. (2006). Memória e envelhecimento saudável. In: Freitas, E.V.; PY, L.; Cançado, F.A.X.; Doll, J.; & Gorzoni, M.L. (2006). (eds.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.1245-1251.